

Algo de profundo estava por trás da exaltação que transfigurara o arraial do Conselheiro em base monarquista: a desilusão com o poder, de que as oligarquias se haviam apossado, destruindo as esperanças reformistas dos que acreditavam, com Floriano, que era necessário submeter o país a mudanças profundas. Assim como não se viu, sob o severo disfarce do fanatismo religioso, a rebelião camponesa — protesto trágico contra a multissecular servidão e o atraso do campo — não se viu, também, que o novo regime, sob o tênue disfarce republicano, continuava a manter as velhas estruturas, anquilosadas pelo longo período colonial e pelo artificialismo da estagnação monárquica. Mas o povo teve a intuição do perigo, embora lhe avultasse as dimensões e errasse o alvo. Sentiu, na suspeição que levantou contra as próprias autoridades, a federal como a estadual, que estava sendo traído. O latifúndio não tinha necessidade de restauração monárquica; aquele modelo de República servia perfeitamente aos seus interesses e até os disfarçava com a fachada e o formalismo democrático. No fundo, os senhores de terras continuavam a dominar o poder: o café, agora, fazia os presidentes. As inquietações perduravam, por isso, pontilhadas, aqui e ali, de episódios tristes: ao assistir o regresso da tropa que combatera em Canudos, Prudente de Moraes sofreu atentado que acabaria por vitimar seu ministro de Guerra, o general Machado Bittencourt. As formas de protesto contra o domínio oligárquico assumiam ainda aspectos primários: o braço assassino de um fanático, sucedendo às preces alucinadas de sertanejos que se haviam agasalhado numa cidadela de taipa. A imprensa começava a refletir as insatisfações, embora colocando-as em nível mínimo, o das competições e rivalidades partidárias; no Rio, *A Tribuna*, de Alcindo Guanabara, capitaneava os ataques ao governo.

A *Gazeta de Notícias* iniciava as publicações de *portrait-charges* de políticos e homens de letras, com a série “Caricaturas Instantâneas”, de Lúcio de Mendonça, com os bonecos de Julião Machado. O *Jornal do Brasil*, em 1898, iniciava a publicação de caricaturas, primeiro semanais, depois diárias, trazendo de Lisboa o desenhista luso Celso Hermínio, que teria em Julião Machado, Raul Pederneiras e Luís Peixoto continuadores. Foi em 1898 que Sílvio Romero, discrepando do julgamento geral, publicou sua severa crítica sobre Machado de Assis, tendo Lafaiete Rodrigues Pereira, sob o pseudônimo de *Labiento*, respondido, pelo *Jornal do Comércio*, em quatro artigos, de 25 e 30 de janeiro e de 7 e 11 de fevereiro. Nem tudo eram flores para a imprensa, entretanto: o *Jornal do Brasil* atacava o ministro de Justiça de Campos Sales, Epiácio Pessoa, por ter mandado “dois *encostados* da polícia atirarem para matar no nosso repórter Gustavo de Lacerda, na ladeira do Castro, que denunciou as violências prati-